

Licença

Copyright (c) 2024 Revista Estudos Libertários



Este trabalho está licenciado sob uma licença Creative Commons Attribution 4.0 International License.

Autores que publicam nesta revista concordam com os seguintes termos:

- 1) Autores mantêm os direitos autorais e concedem à revista o direito de primeira publicação, com o trabalho simultaneamente licenciado sob a Licença Creative Commons Attribution que permite o compartilhamento do trabalho com reconhecimento da autoria e publicação inicial nesta revista.
- 2) Autores têm autorização para assumir contratos adicionais separadamente, para distribuição não-exclusiva da versão do trabalho publicada nesta revista (ex.: publicar em repositório institucional ou como capítulo de livro), com reconhecimento de autoria e publicação inicial nesta revista.
- 3) Autores têm permissão e são estimulados a publicar e distribuir seu trabalho online (ex.: em repositórios institucionais ou na sua página pessoal) a qualquer ponto antes ou durante o processo editorial, já que isso pode gerar alterações produtivas, bem como aumentar o impacto e a citação do trabalho publicado (Veja O Efeito do Acesso Livre).

Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/59989>. Acesso em: 01 jul. 2025.

Referência: DUNAEVA, Cristina Antonioevna; ALBUQUERQUE, Bartira Dias de. Memórias de junho de 2013 no Cariri cearense. Revista Estudos Libertários, Rio de Janeiro, v. 6, n. 1, p. 20-32, 2024. Disponível em: <https://revistas.ufrj.br/index.php/estudoslibertarios/article/view/59989>. Acesso em: 01 jul. 2025.

MEMÓRIAS DE JUNHO DE 2013 NO CARIRI CEARENSE

MEMORIES OF JUNE 2013 IN CARIRI/ CEARÁ/ BRAZIL

Cristina Antonioevna Dunaeva

Doutorado em Ciências Sociais/ UNICAMP (2013). Mestrado em História da Arte/ UNICAMP (2005). Professora adjunta do Curso de Teoria, Crítica e História da Arte/ Departamento de Artes Visuais/ Instituto de Artes/ UnB - Universidade de Brasília. Traduziu para o português o tratado Dos Novos Sistemas na Arte (1919) de Kazimir Maliévitch (1878 - 1935). Líder do Grupo de Pesquisa "História da Arte: estudos feministas e decoloniais" (CNPq). Autora de: "Artistas da vanguarda na Rússia Revolucionária e o Anarquismo", In: Angela Roberti Martins; Érica Sarmiento; Lená Medeiros de Menezes. (Org.). Revolução Russa: outros atores, cenários, abordagens e perspectivas. 1ed. Rio de Janeiro: Autografia, 2019; "Breve esboço sobre a arte antimilitarista na Rússia contemporânea", In: Jallageas, Neide, Gomide, Bruno, (Org.) Ensaios sobre a Guerra Rússia Ucrânia 2022. 1ed. São Paulo: Kinoruss, 2022; "Estatueta incógnita proveniente do Peru, datação não identificada, autoria desconhecida: por uma história da arte menos eurocêntrica e mais problematizadora", In: Adriano Pedrosa; Luciano Migliaccio. (Org.). Entre Nós: antologia. A figura humana no acervo do MASP. 1 ed. São Paulo: MASP, 2017; "Orient(e)ação: as vanguardas artísticas na Rússia confrontando o eurocentrismo", Revista VIS (UnB), v. 16, p. 1-21, 2017.

Bartira Dias de Albuquerque

Doutora e Mestra em Educação Brasileira pela Universidade Federal do Ceará e graduada em Ciências Sociais pela Universidade Estadual do Ceará. É autora dos livros "Noor em nós" (2010) e "Terra tremida de natureza dançante" (2023) e do artigo "Performance, ativismo e marcadores de diferença: processos de aprendizagens sobre gênero, raça e classe com o grupo Tambores de Safo" (2020). Suas pesquisas são voltadas para questões relacionadas à arte, performance, ativismo, anarquismo, gênero, sexualidade, classe e raça.

RESUMO

Neste ensaio buscamos resgatar as memórias dos acontecimentos de Junho de 2013 no Cariri cearense. Procuramos apontar a heterogeneidade de atores sociais envolvidos em protestos de movimentos sociais naquele momento histórico e descrever como cada local específico do país se organizou para as manifestações em torno de pautas específicas. Descrevemos algumas características em comum que percebemos em todas as manifestações de Junho, mas focamos em particularidades do contexto social, político e cultural específico de uma região interiorana do país. Trazemos uma recordação do dia mais marcante das manifestações de Junho, em Juazeiro do Norte (CE), com intuito de deixar registrado este acontecimento importante para a história dos movimentos sociais, das lutas autonomistas e das práticas de organização política e cultural anarquista e libertária. Almejamos, ainda, pensar a memória das manifestações de Junho a partir de análise do contexto social de uma região específica, trazendo um pouco de sua história e apresentando suas peculiaridades sócio-culturais.

PALAVRAS-CHAVE

História dos movimentos sociais; Anarquismo; Movimentos sociais autônomos; História contemporânea do Ceará; Cariri.

ABSTRACT

In this essay we seek to recover the memories of the events of June 2013 in Cariri Ceará. We point out the heterogeneity of social actors involved in these protests of social movements at that historical moment and describe how each specific place in the country organized itself demonstrations with specific political agendas. We describe some common characteristics that we perceive in all the demonstrations of June, but we focus on particularities of the specific social, political and cultural context of a region of Cariri. We bring back memory of the most remarkable day of the June demonstrations, in Juazeiro do Norte, in order to record this memorable event, important for the history of social movements, autonomist struggles and practices of anarchist and libertarian political and cultural organization. We also aim to think about the memory of the June demonstrations from the analysis of the social context of a specific region, bringing a little of its history and presenting its social and cultural peculiarities.

KEYWORDS

History of social movements; Anarchism; Autonomous social movements; Contemporary history of Brazil.

MEMÓRIAS DE JUNHO DE 2013 NO CARIRI CEARENSE

“A montanha nos falou de pegar as armas para assim ter voz,
nos falou para cobrirmos a cara para assim ter rosto.
Nos falou de esquecer nosso nome para assim sermos mencionados.
Nos falou de guardar nosso passado para assim ter amanhã.
Na montanha vivem os mortos, nossos mortos”.
(Comitê Clandestino Revolucionário Indígena – Comandância Geral do EZLN)

Preâmbulo dos acontecimentos de Junho de 2013 no Cariri

As manifestações populares de 2013 aconteceram no Cariri no contexto de lutas sociais locais, ficaram marcadas para sempre na memória. Compartilhamos neste ensaio um relato sobre os principais momentos da explosão incomum das manifestações e ações diretas que ocorreram há dez anos.

Por morar em 2013 numa região afastada de grandes centros urbanos acompanhávamos pela internet as enormes manifestações organizadas pelo Movimento Passe Livre (MPL) em São Paulo, inicialmente, e, depois, em capitais de outros estados. As manifestações cresciam com a adesão popular cada vez maior, a repressão das forças de segurança tornava-se mais brutal, ficávamos com o coração na mão pensando em companheiros e companheiras, pessoas conhecidas, amigas e amigos que sabíamos estavam nas linhas de frente resistindo com seus corpos à barbárie policial.

No Cariri, região no interior do Ceará que compreende o assim chamado triângulo Crajubar, composto pelas cidades Crato, Juazeiro do Norte e Barbalha, as manifestações de Junho coincidiram com a greve de professores do magistério do ensino básico. Isto na principal e maior cidade daquela região – Juazeiro do Norte. Professores da rede municipal desta cidade deflagraram a greve em 12 de Junho após a prefeitura, comandada na época pelo prefeito popularmente nomeado de “Raimundão” (Raimundo Macedo, do PMDB), anunciar o corte de bônus salarial que compunha cerca de 40% do salário efetivo dos servidores¹. A categoria e a população local ficaram indignadíssimas. Começou a greve, mais que justa, com amplo apoio popular.

Professores do ensino básico e estudantes das universidades locais representavam duas categorias mais mobilizadas naquela região. Organizavam-se em sindicatos e diretórios

¹ A greve foi noticiada em veículos midiáticos nacionais: <https://g1.globo.com/ceara/noticia/2013/06/professores-de-juazeiro-mantem-greve-ate-terem-reajuste-salarial.html>. Acesso em: 27 Jul 2023.

acadêmicos, promoviam mobilizações conseguindo juntar bastante gente. No entanto, até aquele momento, faziam uso das práticas de mobilização e resistência ortodoxas, como marchas ordeiras que seguiam os trajetos preestabelecidos e acordados com a prefeitura, o departamento de trânsito e a polícia. As manifestações eram comandadas pelas lideranças sindicais fazendo uso de palanques (carros com plataformas ou trios elétricos), megafones, palavras de ordem e direcionamento bastante rígido. Quem ia para esse tipo de manifestação comum sabia exatamente qual seria o trajeto da marcha, que horas começaria o movimento da coluna de participantes, que horas e onde terminaria. Não havia expectativa de, digamos, imprevistos ou de acontecimentos incomuns. Geralmente, as manifestações ocorriam pacificamente, sem a interferência policial, já que seguiam planos acordados com a administração local.

Em Junho de 2013 vivenciamos manifestações diferentes que fugiram do cenário conhecido, apesar dos participantes, em sua maioria, serem os mesmos. Podemos supor que houve naquele momento uma reelaboração criativa das práticas de manifestação, de resistência e de luta por seus direitos. A mudança que sucedeu se deve a dois fatores principais: uma situação drástica de corte de quase metade de salário dos professores, algo que gerou uma indignação enorme; e as manifestações que ocorriam no país inteiro naquele momento, marcadas por uma cultura de resistência bastante diferente.

Sabe-se que os protestos de Junho foram inicialmente organizados por movimentos sociais autonomistas, como o MPL, que se diferenciavam, em sua forma de existência e princípios, das instituições políticas ortodoxas, como partidos ou movimentos sociais verticalizados. Por isto, as manifestações de Junho caracterizavam-se por práticas de manifestação não cristalizadas, não ordeiras e com uso amplo de ações diretas diversificadas. Em si, tais práticas não eram novas ou desconhecidas, muito pelo contrário, eram instrumentos de resistência popular antigos, testados em contextos históricos e políticos diversos, como a Comuna de Paris de 1871, a greve geral no Brasil de 1917, a Revolução Espanhola de 1936, o Maio de 1968, os protestos antiglobalistas de Seattle, Praga, Brasil, só para citar alguns dos exemplos mais conhecidos. A organização horizontal dos movimentos sociais, a diversidade das táticas de resistência, as respostas não passivas à violência policial, a carnavalização dos protestos das manifestações e as ações diretas são alguns dos métodos de protesto comuns, porém vistos com suspeita tanto pelas instituições políticas do espectro de esquerda (pois desestabilizam o centralismo e o fisiologismo destes), quanto pelas corporações midiáticas que procuram não noticiá-los (para não servirem de exemplos de luta

popular) ou os desqualificar sob as insígnias de “vandalismo” ou “baderna” (tirando-lhes seu caráter de “seriedade” e os criminalizando).

Mas em Junho de 2013, devido ao crescimento surpreendente das manifestações organizadas pelo MPL, ficou impossível de ignorá-las, tanto para grandes partidos políticos esquerdistas, quanto para mídia mainstream. As táticas de resistência às forças de segurança, as manifestações libertárias, sem trios elétricos, sem o comando dos líderes, com as práticas de assembleias, de participação democrática efetiva de manifestantes em decisões coletivas, acabaram sendo amplamente noticiadas. Diríamos que naquele momento houve o “rompimento da bolha” pelos movimentos autonomistas e suas ideias e práticas, após longo período de “trabalho de formigas” (difusão das políticas libertárias nos contextos periféricos e entre as organizações populares comunitárias, por exemplo), ficaram conhecidas por amplos setores sociais.

Quem saiu às ruas no Cariri apoiando a greve de professores já sabia naquele Junho, que, sim, era possível se manifestar de forma diferente. Havia certo contágio, uma grande empolgação com os acontecimentos em grandes centros urbanos, como São Paulo, Rio de Janeiro ou Fortaleza. Existia a esperança na possibilidade de vitória de lutas sociais, dos movimentos populares e as pessoas viam que esta vitória poderia estar relacionada ao uso de táticas de manifestação diferentes.

As práticas de luta, como sabemos, apoiam-se em ideias específicas. No caso do Cariri, existiam alguns grupos, mais ligados ao campo artístico ou às lutas específicas, como direitos das populações LGBTQI+, que difundiam e praticavam os ideários anarquistas e libertários e se organizavam de forma horizontal e autônoma em relação às instituições políticas ortodoxas. No âmbito da greve de professores da rede municipal de Juazeiro do Norte, podemos afirmar que esses grupos se tornaram atores sociais protagonistas e que conseguiram propor a diversificação de táticas de resistência e de luta por seus direitos.

A catarse ou uma armadilha para o Raimundão

O acontecimento histórico que marcou as manifestações de Junho de 2013 no Cariri foi a longa manifestação de 19 de Junho. Uma manifestação absolutamente incomum, que tomou rumos imprevisos e teve desdobramentos surpreendentes. O acontecimento histórico que marcou as manifestações de Junho de 2013 no Cariri foi a longa manifestação de 19 de

Junho. Uma manifestação absolutamente incomum, que tomou rumos imprevistos e teve desdobramentos surpreendentes.

A greve havia sido deflagrada em 12 de Junho e nos dias seguintes já houve manifestações organizadas pelo sindicato. Cada manifestação contava com maior número de pessoas. No dia memorável que recontamos aqui a concentração acontecia de forma habitual, no centro da cidade, ao lado de dois pontos urbanos importantes: a Escola Polivalente de Ensino Básico, uma das maiores da região, e o estádio municipal popularmente conhecido como Romeirão. Na época, uma das autoras trabalhava como professora de história da arte na Universidade Regional do Cariri e o campus também ficava perto, havia muitos rostos conhecidos na pequena multidão que se concentrava para a manifestação – estudantes, colegas professores, amigos, artistas. O clima estava animado, com batucada, distribuição dos panfletos, havia uma empolgação perceptível inspirada no desdobramento das manifestações em outras cidades, falava-se muito disso, de como eram diferentes e pareciam mais legais. A categoria em greve promoveu um trabalho intenso na primeira semana após a deflagração, com os pronunciamentos em redes locais e estaduais de comunicação, com a panfletagem e o envolvimento da comunidade.

Após um tempo longo de concentração foi dada a ordem pelos megafones das lideranças e a marcha partiu rumo à área mais central da cidade, por uma avenida, depois virando para rua mais estreita. A princípio a manifestação seguiu como de costume, um trio elétrico na frente, carros de som berrando as palavras de ordem e pessoas andando atrás. Porém, na virada da avenida para a rua algo inédito! Um par de ativistas senta no meio da rua, na frente do trio elétrico e os carros de som, impedindo-os de passarem. Começa o conflito. Jovens dirigentes de movimentos estudantis mais alinhados com as políticas partidárias descem do palanque e bastante estressados começam a discutir com os ativistas que bloqueiam a passagem. Esta atitude de expressar incômodo com o formato da manifestação guiada e ordeira era muito incomum e os dirigentes foram tomados pelo efeito surpresa; como necessitavam prosseguir com a manifestação, acabaram cedendo à demanda dos ativistas e concordaram em abandonar o trio e o carro do som. Salvo engano, até o não uso de megafones foi acordado naquele momento. A manifestação seguiu em frente, mais leve, mais libertária, juntavam-se a ela mais e mais pessoas pelo caminho.

Acontece que conhecíamos bastante bem o grupo de ativistas que se indispôs com a presença dos carros de som e do palanque, e, na visão destes, a primeira ação direta se deu por causa de um acúmulo de críticas ao modo de como se organizavam os movimentos sociais da

região: com pouco espaço para a participação efetiva das pessoas, com autoritarismo dos dirigentes, com o uso exaustivo das mesmas táticas de manifestação. Houve naquele período muitas discussões entre estudantes, por exemplo, sobre a necessidade de um modo de organização mais participativo, havia propostas de praticar a democracia direta, de montar os centros acadêmicos autogestionários. Além disso, um dos movimentos locais mais interessantes no Cariri surgiu a partir da fusão de ações artísticas do grupo “Bando” com as demandas das comunidades LGBTQI+². Artistas ligados a estes grupos, geralmente, se identificavam com as táticas de ação direta e as ideias anarquistas e libertárias, inserindo-as, inclusive, no dia a dia, nas vivências cotidianas, organizando em vários momentos as verdadeiras Zonas Autônomas Temporárias (Bey 2011).

O desenrolar da manifestação deu-se em uma confluência peculiar de acontecimentos. Havia a proposta de ocupar o prédio da prefeitura ou a câmara municipal, com intuito de forçar, por meio desta ação direta, o governo local a abrir a mesa de negociações com a categoria. Às pautas dos professores passaram a ser adicionadas, nos comitês de discussão que precederam a manifestação, outras demandas mais diversas ligadas à precariedade das condições de vida em Juazeiro do Norte, e, também, em Crato e Barbalha. Estas demandas abrangiam desde a precariedade da infraestrutura das escolas e das universidades ou do saneamento básico, até as questões ambientais, como a poluição do rio Sobradinho que transpassa o vale do Cariri. É importante ressaltar que neste dia específico da manifestação estava havendo o festival junino JuáForró que contava com um orçamento graúdo, investimento da prefeitura com o dinheiro público. Enquanto cerca de 8 mil professores e professoras lutavam contra a redução do bônus salarial em 40%, e toda a população lutava por melhorias nas diversas questões tratadas aqui, o prefeito pagava a bandas e músicos famosos, priorizando as questões interpretadas pela população, naquele contexto, como secundárias. Tudo isto trouxe ainda mais revolta à população e havia grupos de manifestantes dispostos a realizar ações diretas como ocupação das sedes do poder local. Um destes grupos foi na frente da manifestação para verificar se havia muitas forças de segurança na frente da prefeitura ou da câmara municipal. Havia sim, e a ideia da ocupação foi temporariamente descartada.

E então algo incrível aconteceu. Ao passar pela praça central da cidade, numa esquina, o grupo foi parado pelo carteiro que perguntou se havia a manifestação e se o grupo fazia

² Sobre um dos trabalhos do grupo artístico “Bando” e a região do Cariri ver Autora 2016. AUTORA Título In: XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte, XXX, Campinas. Anais do XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Arte em Ação, XXX. p. 157-165.

parte desta. Ao receber a resposta afirmativa, o carteiro disse: “Pois o Raimundão (o prefeito da cidade) acabou de entrar naquela agência bancária aí”, apontou pro prédio do lado e foi embora. Corremos de volta para a manifestação que ainda não havia chegado na praça, chamamos o pessoal mais disposto a agir e corremos loucamente para a agência bancária. O prefeito, de fato, estava dentro e podia ser avistado através dos vidros da frente. Fizemos um cordão e bloqueamos a porta. O segurança da agência tentou impedir a ação mas recuou, em grande parte graças ao caráter inédito do protesto. Chegou mais gente e se acumulou na entrada do banco. O prefeito foi conduzido para dentro da agência, não podia ser mais visto. Nestes primeiros minutos que se estenderam na memória em longos períodos muita coisa sucedeu, num movimento caótico. Vinham pessoas muito empolgadas com a situação, felizes por prenderem o prefeito. Foi conferido através de amigos que conheciam esta agência que não havia outra saída: portanto, a “chefia” da cidade estava de fato trancada. A saída da garagem, bloqueamos logo em seguida.

A manifestação se dividiu, uma parte correu para a agência, outra, liderada por dirigentes, seguiu o trajeto pré-planejado para o término da marcha que era a sede da câmara municipal na rua vizinha. Não demorou muito e os dirigentes vieram para a agência, muito incomodados com a situação toda. Houve, até em tom um tanto agressivo, colocações sobre a imprevisibilidade da situação gerada, de perigo de tudo sair do controle, de que não podia, simplesmente, não era concebível realizar qualquer ação política sem o aval da gerência, ops, dirigência. Os ânimos começaram a ficar bastante exaltados. Mas novamente algo extraordinário aconteceu neste preciso momento: os aliados do prefeito tentaram entrar na garagem com um carro cofre, alegando que se tratava de um procedimento de rotina e que a entrada devia ser liberada pelos manifestantes. Observamos com curiosidade como um jovem dirigente de um grupo estudantil, instantes atrás indignado com o protagonismo de ativistas insurgentes foi tomado por certa “pulsão subversiva”, abandonou a discussão e correu pra frente da garagem para junto a outros companheiros, com seu próprio corpo, impedir a passagem do carro blindado.

Após a tentativa frustrada de convencer a pequena multidão empolgada e excitada (havia umas cem pessoas aproximadamente), dirigentes sindicais e dos diretórios acadêmicos estudantis desistiram e se retiraram, não queriam fazer parte daquela “baderna”. Retornaram posteriormente, quando já escureceu e a “tomada do prefeito” ganhou proporções inesperadas, sendo anunciada até pelo Jornal Nacional da Globo. Provavelmente, compreenderam que toda

a situação gerada por ativistas pouco conhecidos poderia ser transformada em capital político e simbólico.

De qualquer forma, ao momento inicial da ação seguiu-se um aumento gradativo de pessoas. A notícia começou a se espalhar, e ativistas, artistas, estudantes, trabalhadores indignados com o prefeito, começaram a vir para o local da “prisão popular” do Raimundão de todas as partes do Cariri³. Era um clima maravilhoso. Moradores da vizinhança traziam lanche para manifestantes, todo mundo ficou sentado no chão, entardecia, o calor diminuía, caiu a noite e com ela veio o frescor aliviador. Pessoas cantavam músicas diversas, trouxeram o violão e outros instrumentos musicais. Mesmo quem ficou desconfiado do movimento inesperado no começo, se acalmou, se empolgou, ficou lá, feliz, comemorando, era uma pequena vitória, uma pequena vingança. Pensar no prefeito acuado era bom, trazia alegria aos corações.

Com a notícia chegando ao Jornal Nacional veio a euforia coletiva. Gritavam: “Raimundão se f...u”, “Fora, Raimundão”, “Raimundão, pague os professores”, “O professor é meu amigo, mexeu com ele, mexeu comigo” e outras frases que se intercalavam com as músicas cantadas em coro de forma muito tocante e bonita. O momento era comovente, potente. Éramos ingovernáveis, havíamos arrancado uma pequena vitória, certamente a noite permaneceria na memória de todos que a vivenciaram.

A divulgação do cerco ao prefeito provocou, claro, uma ação policial mais coordenada e incisiva. No começo da ação que acabou durando cerca de seis horas, nem havia polícia. Na realidade, as forças policiais não conseguiam chegar ao lugar, pois o centro da cidade compõe-se por ruas estreitas e a rua da agência bancária estava ocupada pela multidão que no auge devia ter contado com umas duas ou três centenas de pessoas. Havia rumores que muitos policiais foram deslocados anteriormente para a capital Fortaleza, onde aconteciam as manifestações maiores. Num determinado momento veio um dos comandantes das forças de segurança cercado por um grupo pequeno de policiais anunciando que queria negociar com as lideranças da manifestação a “libertação” do prefeito. Só que não havia lideranças e a expressão de perdido do comandante foi incrível. Ganhamos tempo. Vale notar que pessoas participantes desta ação eram, em sua maioria, muito jovens, inexperientes, ganhavam aí seu primeiro batismo de linha de frente, de antagonismo com as forças de segurança.

³ Uma das notas que saiu na imprensa: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2013/06/prefeito-de-juazeiro-do-norte-ce-fica-horas-sem-poder-deixar-banco.html>. Acesso em 30 Jul 2023.

Num roteiro premeditado, enquanto o comandante da polícia fazia uso do megafone tentando negociar com manifestantes, alguém se infiltrou na multidão, jogou spray de pimenta, muito rapidamente veio a tropa de choque, posicionada em algum lugar próximo, foram jogadas bombas de gás, a maioria das pessoas fugiu assustada e a tênue linha de frente não conseguiu segurar as entradas para a agência, foi empurrada para trás e se dispersou. Houve resistência por parte de ativistas e, após a dispersão, muitas e muitos de nós, ainda com muito entusiasmo pela situação, foi se reunindo na Praça Padre Cícero para pensar os próximos atos.

Logo nos próximos dias foi aberta a mesa das negociações, a greve perdurou ainda por semanas, professores saíram vitoriosos dela, conseguiram de volta parte dos salários cortada. Houve outras manifestações na sequência mas esta ficou inesquecível, única e incomparável. Na esteira de seus ensinamentos houve, no mesmo ano, a ocupação da câmara municipal de Juazeiro do Norte por movimentos sociais e ativistas, durante a qual praticou-se a autogestão, a democracia direta, a tomada de decisões e a discussão em assembleias. Mas esta já é uma outra história.

O pano de fundo ou algumas palavras sobre o Cariri

Após narrar a história de um dos dias mais marcantes de Junho de 2013 resta contar um pouco sobre as peculiaridades do local do evento.

Geograficamente, a região do Cariri cearense faz fronteira com os estados de Pernambuco, Paraíba e Piauí, e abrange toda a Chapada do Araripe. O Cariri possui uma série de características histórico- culturais marcantes, como passado arqueológico importante, marcado pela produção de notáveis registros rupestres nas encostas da Chapada. Entre os povos originários habitantes daquele território, destacam-se os indígenas Kariri, cujas histórias de resistência à colonização e cosmovisões perpetuam no imaginário coletivo através de múltiplas lendas e narrativas místicas. Além disso, o Cariri é um dos maiores palcos de devoção religiosa da América Latina, tanto devido à herança histórica e simbólica da figura do Padre Cícero, quanto ao milagre vivido pela Beata Maria de Araújo, ou à atual beatificação da menina Benigna em Santana do Cariri. E ainda há a história do cangaço e do banditismo rural que traz consigo o aspecto de revolta protegida pela religiosidade, visto que Padre

Cícero ajudava cangaceiros, seja com rezas, seja negociando com as pessoas poderosas para que “justiças divinas” pudessem ser realizadas em vida⁴.

Nessa mesma região contamos com os nomes notáveis que não podem ser esquecidos: o Beato José Lourenço Gomes da Silva (1872 - 1946) e Bárbara de Alencar (1760 - 1832). O primeiro, paraibano, filho de negros alforriados, chegou à região de Juazeiro do Norte para reencontrar sua família, e, ao se tornar beato, recebeu a missão de Padre Cícero de cuidar de flagelados em um pedaço de terra. O beato arrendou a terra, semeando, cultivando, e construindo uma organização popular horizontal, baseada na fé e na espiritualidade. Tal lugar ficou conhecido por Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, importante experiência histórica de resistência e organização popular, onde todos trabalhavam e produziam conforme as necessidades de cada um, numa distribuição igualitária de alimentos e insumos de uso diário.

O Caldeirão já foi comparado a levantes sociais, como Canudos e Guerra do Contestado, sendo que esta experiência revolucionária durou por volta de trinta anos, tendo seu fim em 1937, no governo de Getúlio Vargas, que deu a sentença de bombardeio aéreo, pois tal organização construída por José Lourenço foi tida como uma organização comunista. Após o massacre, o Beato José Lourenço seguiu para Pernambuco, onde faleceu de peste bubônica em 1946, aos 75 anos⁵.

Já Bárbara de Alencar era uma personagem histórica emblemática, republicana e escravocrata, nasceu em Pernambuco, mas viveu na cidade de Crato, onde lutou pela República contra a monarquia, financiando a revolução pernambucana e a confederação do Equador, passou anos de sua vida sendo perseguida, presa e torturada por governos locais e nacionais, protagonizando além destes movimentos citados, a revolução de Crato contra a coroa portuguesa.

As figuras históricas citadas mobilizam, na atualidade, os movimentos sociais; as lutas do passado se tornam exemplos e inspirações para as reivindicações da atualidade. Assim, a anteriormente citada beata, pobre e negra, de nome Maria de Araújo, mesmo tendo sido menosprezada pela narrativa histórica patriarcal, se tornou símbolo de resistência antirracista e feminista local. A história da beata foi ignorada, negando sua importância, da mesma forma como a própria personagem histórica sofreu diversas perseguições por parte das autoridades religiosas ao longo de sua vida. Sua memória mobiliza nos movimentos sociais atuais a busca

⁴ Para uma história decolonial do Cariri ver Melo Filho (2019).

⁵ Sobre a história do Caldeirão e sobre Beato José Lourenço ver, por exemplo, Cordeiro (2004), Della Cava (1985), Lemuel (2009), Lopes (1991, 2000, 2011 e 2012), Maia (1987), Meneses (2017).

por justiça e verdade. Outro exemplo marcante é a menina Benigna, hoje beatificada, que, no imaginário popular, intercede por mulheres vítimas de violência. As figuras femininas mencionadas tornam-se importantes símbolos de reivindicações feministas, pelo fim da violência de gênero e pelos direitos de mulheres, numa região do Ceará tristemente conhecida pelos maiores índices de feminicídio. Trazer estes fatos históricos, ainda que de forma limitada, importa, pois demonstra que muitas lutas desta população do sul do Ceará são invocadas por aspectos que unem geografia, geologia, arqueologia, mitologias e religiosidades. O Cariri, conhecido como um “oásis nordestino”, de onde vêm as águas sagradas e onde os fluxos migratórios se encontram no entremeio de campos desertos da caatinga, mata atlântica e cerrado formando a Chapada do Araripe, pode ser descrito com interpretações poéticas apelando a seu caráter mágico e lendário, mas, também é marcado por uma série de atritos e violências iniciadas pelo processo colonizador do Brasil. Seu povoamento encontrou campos de ação e libertação num uso “sincrético” de revoltas e organizações populares estabelecidas pela fé.

É diante de uma história colonizada que certas contradições aparecem, assim aquilo que se buscou apagar permanece através da cultura de oralidade, mantém crenças que freiam a exploração dos de cima contra os de baixo. Mesmo que haja forças hegemônicas que buscam modificar os fluxos dos rios, há chapadas e montanhas que se movem para gravar em seus paredões os antepassados que se mostraram resistentes. Mesmo que haja um dirigente para negociar o poder, seja padre ou político, ou ambos, há uma organização que foge ao controle daquilo que lhes foi cedido, e ameaça com a pulsão de vida, que é compor a dança revolucionária pelo olhar autônomo da horizontalidade. Mesmo que haja a mulher negra apagada daquela história pela branquitude patriarcal, há um milagre que cruzou o caminho da bondade e da fé. Sem ela o Padre Cícero não teria tanto poder, e mesmo que este espaço não tenha sido dado à mulher naquele tempo, outras lutas hoje se movem pela memória da beata Maria de Araújo. Mesmo que a menina Benigna tenha sido morta pela misoginia, ela faz justiça noutro plano onde guia outras meninas. E mesmo que muitos movimentos sociais tenham sido tomados por partidos políticos na região do Cariri, o inesperado ronda, criando armadilhas e mostrando o quanto é frágil o poder do Estado.

A Chapada do Araripe nos fala para termos voz e rosto, nos faz perceber que alguns nomes, outrora esquecidos, hoje são mencionados para fortalecer nossas lutas, nos ajudando a construir o amanhã... Pois que lá na Chapada vive o Caldeirão de José Lourenço, vive a Maria de Araújo, vive Benigna, vivem os povos Kariris e tupis...

Referências

BEY, Hakim. TAZ. Zona Autônoma Temporária. São Paulo: Conrad, 2011.

AUTORA. Título. Campinas. Anais do XXXVI Colóquio do Comitê Brasileiro de História da Arte. Arte em Ação, XXX. p. 157-165.

CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida. Um beato líder: Narrativas memoráveis do Caldeirão. Fortaleza: Imprensa universitária – UFC, 2004.

DELLA CAVA, Ralph. 1985. Milagre em Joazeiro. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra, 1985.

LEMUEL, Rodrigues Silva. O discurso religioso no processo migratório para o Caldeirão do Beato José Lourenço. Natal: Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 2009.

LOPES, Régis. Caldeirão: estudo histórico sobre o beato José Lourenço e suas comunidades. Fortaleza: Instituto Frei Tito de Alencar/ NUDOC-UFC, 2011.

LOPES, Régis. Juazeiro e Caldeirão: espaços de sagrado e profano. In: Simone de Souza (Org.). Uma nova história do Ceará. ed. Fortaleza: Edição Demócrito Rocha, 2000.

LOPES, Régis. Caldeirão. Fortaleza: EDUECE, 1991.

LOPES, Régis. O meio do mundo: Território sagrado em Juazeiro do Padre Cícero – Fortaleza: EDUFC, 2012.

MAIA, Veralúcia Gomes. Caldeirão: Uma comunidade cristã de camponeses. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais. Natal, Centro de Ciências Humanas, Letras e Arte da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, 1987. 189f.

MENESES, Sônia e Fátima Pinto. Imprensa, anticomunismo e fé: a destruição do Caldeirão da Santa Cruz do Deserto nas representações da imprensa brasileira (1936 – 1937). Fortaleza PPGH – UFC, 2017.

MELO FILHO, Edilson Militão de. Alegoria da loucura – processo de criação em performance arte e taxonomias performativas. Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Licenciatura em Artes Visuais da Universidade Regional do Cariri – URCA. Juazeiro do Norte, 2019. Disponível em:
<https://drive.google.com/file/d/1rojDSzsVyrZGmVvAWQLkwPt-jIcRSJ0m/view?usp=sharing>